

**ENTRE O CENÁRIO DA ESCOLA E A POÉTICA DO CINEMA:  
O FILME COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Robério Davi Borges Cunha<sup>1</sup>

Patrícia Cristina de Aragão Araújo<sup>2</sup>

O cotidiano tece muitas histórias de sujeitos e culturas e quando estas histórias se estendem para o espaço da escola, estabelecem sentidos e significados para as interpretações que são elaboradas sobre os lugares de produção de saber e se fazer educação. O cinema como arte em movimento tem multifacetado em sua forma e estilo no transcorrer de sua história, no contexto da educação o cinema assume um importante papel não apenas como um recurso didático-pedagógico no trato dos conteúdos escolares, assumindo um papel de uma linguagem a ser inserida no mundo de educar, mas também revela os diferentes olhares que são elaborados para o mundo social, seus sujeitos, culturas e história, que pelas telas de cinema tomam uma diferente dimensionalidade representando diversos modos de ler o social. Nossa proposta é discutir a partir do olhar sobre o cinema, acerca do papel do filme como fonte para estudo da história da educação na contemporaneidade, apontando a sua importância para discussões atinentes aos estudos da educação histórica e o cotidiano escolar. Partimos da assertiva que o cinema produz inúmeros saberes que ao serem empreendidos na escola, representam possibilidades de leituras e aprendizados acerca das vivências e experiências escolares. Enquanto abordagem metodológica utilizamos o filme como suporte e sua linguagem para entender o objeto proposto para este estudo. Tomamos como corpus o filme *Escritores da Liberdade*, para discutirmos sobre as relações tecidas no interior da escola que formam processos culturais, entrelaçam saberes e propiciam elaborar uma escrita da história cuja interface ocorre entre o cinema e a escola. Assim utilizamos o filme como uma ferramenta de apoio a História da educação.

Palavras-chave: Escola. Educação. Cinema. História. Filme.

---

<sup>1</sup> Graduando em História. Aluno da UEPB.  
E-mail: [rdavib@hotmail.com](mailto:rdavib@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora de História UEPB.  
E-mail: [cristina-aragao@hotmail.com](mailto:cristina-aragao@hotmail.com)

## **Introdução**

Neste estudo objetivamos discutir sobre a relação entre o cinema e a história, tendo por proposta mostrar o papel do filme como fonte na pesquisa histórica no contexto da educação, notabilizando o papel desta fonte como fomentadora de conhecimento que articulada ao mundo de educar, permite compreender as conjecturas do processo educacional e a história da educação enquanto campo de produção de saber que merece ser investigado.

Neste sentido a linguagem fílmica, aparece neste texto com o propósito de discutir a relação cinema e o contexto educativo, realçando o papel do filme como ambiente de aprendizagem e recurso que permite compreender e discutir na contextura da escola questões que se relacionam a este espaço.

Nossa abordagem metodológica se centrou na análise bibliográfica, nos ancorando em textos que se remetem ao cinema e a educação. Tomamos como corpus analítico, o filme *Escritores da Liberdade*, por considerá-lo pertinente para as questões que queremos desenvolver neste estudo.

Ao considerar o filme como meio de entendimento e fonte para ressaltar a escola como lugar de produção de vivências, experiências e lócus de produção de saber, possibilitamos ao leitor caminhar por veredas que permitem acentuar o significativo papel que o filme adquire no mundo da educação, daí a perspectiva de articular cinema e educação como plataformas educativas e que podem ser utilizadas pelo professor no cotidiano de sala de aula.

## **O cinema e a História**

O cinema, nos últimos tempos, tornou-se uma ferramenta auxiliar no campo de estudos das ciências sociais, especialmente a História. De acordo com Marc Ferro (1972), que criou a expressão o “cinema e a história”, ajudou a inserir esta arte no ensino da historiografia. Sabemos que esta arte, nasceu no século XIX, no ano de 1895 na França por obra dos irmãos Lumière, que fundaram o “primeiro cinema”, constituído por uma sucessão descontínua de registros visuais, e quadros entrecortados por letreiros, com uma câmara fixa que, no máximo, girava sem perder o ponto de base.

Porém isso era feito, sem desenvolver uma história com um enredo e técnica apurada, geralmente eram eventos realistas de curta duração, mas que na sua essência mantinha laços culturais e ganhou ao longo dos anos grande repercussão popular,

quando em 1910 este adquiriu uma nova maneira de ser produzido, a partir da reconstrução do passado histórico e concebido no padrão do chamado cinema narrativo.

As vanguardas europeias também experimentavam no século XX, novas formas de se fazer cinema, por exemplo, na Rússia, foram feitas grandes produções resgatando e exaltando a história da revolução na fase pós-revolucionária, na Alemanha às vésperas da ascensão do nazismo o cinema serviu como uma ferramenta de propaganda daquele regime, assim o cinema mostrava seu poderio que não se centrava em apenas registrar o presente, mas também de contar a história segundo as diferentes concepções de mundo, assim a linguagem cinematográfica foi ganhando legitimidade e popularidade ao passar dos anos, especialmente no século XX, em que esta “sétima arte” chegará a ocupar seu lugar de destaque na indústria do entretenimento.

A trajetória do cinema revela uma valorização do real, em estilos e técnicas com um olhar voltado ao resgate de perspectivas históricas. Na década de 60, devido às transformações culturais que ocorrem em nível global, o cinema adquire um “novo formato”, e agora, tem como característica historicizar o cotidiano com através do uso de disciplinas auxiliares, o que enriqueceu as representações cinematográficas, tornando possível uma reconstituição histórica, uma das versões sobre os fatos ocorridos no passado, então o cinema funciona como uma “máquina do tempo”, no sentido de fazer um resgate histórico da temporalidade, mas que não significa que aquele fato seja o passado, mas ele mostra o passado no sentido de representação para se ter noções de como se manifestou o passado.

Ainda discorrendo sobre esta temática é importante frisar que a linguagem fílmica, utilizada imagem como um recurso para registrar um momento, e para este adquirir um caráter de documento histórico. Essas imagens geradas pelas câmaras são capazes de documentar e registrar a realidade, que sendo de ficção, toma um aspecto de realidade, e ajuda o historiador a construir um “lugar de memória” valorizando a reconstituição de um passado histórico, a partir dos modos de vida, comportamento, vestuário e arquivo, ocorre então uma “investigação historiográfica”, o que proporciona uma construção da história e valorização do papel do historiador.

Exemplo disso são os filmes de autobiografia, e de grandes eventos históricos como o *Nascimento de uma nação* (1915), que é uma rica fonte que versa sobre os acontecimentos que formaram o Estado-nação estadunidense, logo o historiador pode atuar como realizador ou consultor de filmes épicos, pois este tipo de profissional é capaz de fazer uma “escrita da história”, utilizando o filme como documento para se

fazer um resgate historiográfico, o filme adquire status de documento da realidade, por sua capacidade mostrar a realidade, através do cabedal imagético de quem o produz, pode-se criar uma identidade entre mentalidade, transmitindo as gerações uma noção de identidade cultural. Para os historiadores a escrita da história, o registro fílmico enquanto documento ganha importância a partir da década de 70, quando Vovelle afirma que este tipo de linguagem pode ser utilizado como documento histórico.

Um estudioso importante no que cerne a discussão desta temática é Marc Ferro (2008), pertencente ao grupo da revista *Annales*, e articulador do movimento da “nova história”, juntamente com Pierre Sorlin desenvolveram estudos de análise fílmica, procurando estabelecer uma relação entre o cinema e a história, num artigo intitulado “o filme de ficção e a análise histórica”, produzido na década de 70, este autor afirma que o filme constitui um documento para a análise das sociedades, ainda que não faça parte “do universo mental do historiador”, aqui o autor ressalta a importância da interpretação de um filme, para se entender a diversidade de um povo, e seus elementos, como cultura e história, o que se constitui como uma ferramenta de vital importância para o historiador para refletir a organização das sociedades modernas.

Ainda Marc Ferro (2008) considera que a linguagem cinematográfica vai além da ilustração, não sendo somente confirmação ou negação da informação contida no documento escrito, assim o filme possibilitaria a criação de condições para um desmascaramento das realidades política e social, na medida em que eles ajudam a desconstruir estereótipos, e traz uma visão crítica da realidade.

O profissional das ciências humanas tem nos filmes um meio de ensino de história, pois os filmes apresentam uma relação de verossimilhança com a realidade e como não é possível ao historiador recriar um passado histórico de um evento, este meio torna-se essencial no entendimento de como se construiu e articulou o processo histórico, logo o cinema é importante para auxiliar o historiador na sala de aula a exibir para os alunos entenderem como através de pesquisas se “montou” um evento que tem verossimilhança com o passado, por isso o cinema é um dos vetores da história.

### **Escritores da Liberdade e o Ensino de História**

O Filme *Escritores da Liberdade* (*Freedom Writers*), dirigido por Richard La Gravenese, e protagonizado pela atriz Hilary Swank que no filme interpreta Erin

Gruwell é um drama que fala sobre a violência urbana, vivenciada em Los Angeles (EUA), nos anos 90.

A partir deste contexto de lutas sociais a trama do filme irá se desenvolver e o enredo baseado em fatos reais mostra a luta de jovens para se inserirem numa sociedade desigual e excludente, assim a realidade de gangues e criminalidade é observada na escola, num contexto que envolve a participação de jovens e adolescentes.

Neste cenário, mais particularmente na escola secundária de Woodrow Wilson sala 203 a trama da película tece em torno das experiências pessoais dos jovens que compunham aquela sala, e que tinham um comportamento social que destoava dos padrões tidos como normais, mas que era um reflexo da sociedade reproduzido no âmbito escolar.

A jovem professora recém-formada em Direito, contrariando o pai e marido, não segue esta carreira, mas opta pelo desafio de ensinar, e no filme ela recebe a incumbência de educar a turma-problema, como professora novata e esperançosa ela aceita a tarefa com entusiasmo e vigor, apesar de sua ingenuidade e inexperiência na prática docente,

No filme a professora vislumbra a possibilidade de mudança e isto é observado no filme por sua proposta “ousada de ensino”, com a análise da obra a Odisséia de Homero, o que gerou conflitos na sala, além do mais seu procedimento metodológico era tradicional, sem inovações, o que gerou insatisfação e descontentamento por parte dos alunos, que já questionavam o fato de estarem em sala de aula, e ainda mais a utilidade daquela disciplina nas suas vidas práticas.

A professora choca-se com a realidade desenhada naquela sala de aula, e decide repensar suas práticas pedagógicas a partir da reflexão de seus procedimentos em sala de aula, reconhece seu ambiente de ensino, com as multiculturalidades e disputas de poder entre as etnias dentro do ambiente escolar.

A partir da observação da realidade dos grupos ela muda sua prática docente, e desenvolve uma empatia por aqueles alunos excluídos, e através disso exerce uma pedagogia renovada engajada no cotidiano dos alunos, ela utiliza novas abordagens como a música de hip hop, depois ela vai unindo a sala de aula, desterritorializando e dando uma nova perspectiva que aqueles jovens precisavam, por meio de uma aula sobre a “grande gangue”, os nazistas ela consegue despertar a atenção dos alunos e motivá-los a estudar, entendendo seu cotidiano e mostrando ele na sala de aula,

professora usa o Diário de Anne Frank, no qual os jovens se identificam e através dessa abordagem daquela “professora visionária”.

Criticada e invejada por colegas professores e gestão da escolar, ela tece uma relação de amizade e confiança nos seus alunos, e estes correspondem desenvolvendo aptidões de leitura, mas seu maior avanço é a mudança de lugar, isto é mudança de vida e perspectiva observadas na vida deles, e neste aspecto os diários pessoais escritos pelos alunos se constituem como o elemento chave pelo qual exprimem suas dores e preocupações de vida e adolescentes, e o Diário de Anne Frank criam uma identidade nestes alunos, que de delinquentes se tornam porta-vozes dos excluídos e potenciais objetos de mudança e transformação social, assim a vocação do magistério é observada na professora e a escola assume um papel de mudança social, o que revolucionou o modelo de ensino estadunidense e do mundo.

A partir da discussão do filme podemos inferir alguns aspectos importantes, como a percepção da escola que tem uma visão conservadora de direita, apesar do discurso e uso da integração voluntária, isso não ocorria na prática. Além do mais os problemas do público infante-juvenil eram diversos, o que exigia a figura de um docente com uma nova proposta de ensino, que tivesse por base o entendimento do multiculturalismo, de inclusão e igualdade e da aceitação da complexidade de identidades presentes na sala de aula, a professora felizmente supriu a estas expectativas. Mas é preciso entendê-las nas suas particularidades, assim vamos discutir estes conceitos para no final do texto, se fazer uma reflexão sobre a prática docente na sociedade contemporânea e multicultural.

Vale ainda ressaltar nesta temática o multiculturalismo e a emergência da criação de uma escola que discuta estas questões, inerentes estas práticas, neste sentido surge a Escola Plural como uma solução prática esta escola possui seu olhar voltado para a discussão de culturas e seu relacionamento no universo escolar. A escola e a diversidade apresentam uma relação conflituosa baseada na diferença que é o elemento que caracteriza a relação entre os indivíduos, No dizer de Semprini: “A análise monocultural aparece como infinitamente mais simples e tranquilizadora. Ela garante que a verdade existe, que é possível conhecê-la, que existe uma solução para cada problema e que é a ciência quem dará tal solução(Semprini,1999;89).

Estabelecido este cenário, agora pensemos nos desafios da docência neste ambiente multicultural e contemporâneo. É indiscutível que esta problemática se encontra nas reflexões e vivências do professor em sala de aula. O professor como

articulador do processo ensino-aprendizagem deve entender primeiro o comportamento dos seus alunos e seu sentido de juventude, observando os territórios da sala de aula, e refletindo sobre o

corpo dos jovens, o motivo do uso de uma tatuagem para ser aceito no grupo, e o porque da indisciplina e rebeldia do jovem. A sala de aula conforme pontua o texto *As culturas Juvenis*, é um ambiente diversificado e um lugar de choque e estranhamento, pois o professor tradicional e o progressista, não estão preparados para vivenciar com as culturas juvenis na sala de aula, e isto é um problema gerado na formação inicial e continuada e muitas vezes um professor experiente choca-se com a realidade da sala de aula destes tempos. A informatização da sociedade tornou o conhecimento uma ferramenta essencial para o docente, e muitas vezes o aluno detém esse meio de maneira mais “intensa” que o professor, devido isto esta incorporado no cotidiano do aluno, a escola conforma já fora dito deveria ser um local onde as culturas se relacionassem com igualdade e sem exclusão. Mas o que ocorre frequentemente é que o currículo não aproveita e nem entende as diferentes culturas juvenis em seu cotidiano, que são fruto de uma sociedade pós-moderna, e estas vozes são silenciadas e as informações dos alunos não são metodizadas e transformadas em conhecimento pelo docente, que muitas vezes não dialoga com o aluno, comprometendo sua identidade cultural e subjetiva e o seu ensino-aprendizagem, pois o educar envolve aprendizado tanto do docente quanto do aluno, e a Escola Plural mostra que só através da desconstrução de antigas teorias, como a da relativização e discursão do mundo é que a educação vai se tornar mais prazerosa e presente em nossas vidas docentes.

Tornar-se educador no mundo contemporâneo se assemelha ao papel de um artista, pois o artista trabalha com a reflexão de mundo e sua subjetividade e ele possui um olhar diferenciado do mundo, e sua arte captura a essência do mundo. A partir daqui observamos que o educador possuiu sua subjetividade desenvolvida na formação inicial, e como produto da sua interpretação de mundo, mas só a partir de sua vivência escolar e contato com o outro ele vai “moldando” de maneira processual e inacabada, o conhecimento e construindo um conceito de mundo, assim se tornamos educador, no dizer de Larossa: “Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura o melhor de suas possibilidades”.

A formação do docente, segundo a concepção do Texto é a de criar condições para que o interessado em ser professor alcance sua própria forma, constitua sua própria

identidade ou converta-se no que é. Assim, a formação nunca se conclui, é sempre processo. O conflito, as inseguranças, as incertezas, os medos fazem parte deste caminhar, desta aventura. Então o professor não é o único detentor do conhecimento e “senhor”, na relação ensino-aprendizagem. Ele é o “vetor” deste processo é aquele que por meio de suas práticas vai formar referenciais a serem realizados e complementados por seus alunos, logo o conhecimento e a didática do professor não estão completos, principalmente num mundo em que as informações e as culturas juvenis se propagam com facilidade o professor deve ter o conhecimento erudito, mas deve repassá-lo de “maneira popular”, isto é não desvalorizando-o, mas utilizando uma linguagem clara, atual e objetiva.

É importante ressaltar os momentos da formação docentes, que são: a formação inicial, segundo o texto é aquela que se inicia nas universidades, mas o autor do texto argumenta afirmando que esta educação começa quando o professor ainda se encontra na posição de aluno, e defende que ela tem de ser sólida, muito embora saibamos que a própria universidade não prepara um professor ideal nem completo, as experiências da prática docente em sala de aula, o chamado processo de formação continuada é que irão moldar as identidades e subjetividades do professor que envolvem um espaço, entendido sobre três suposições: 1) como um produto de inter-relações; 2) como a constituição de uma possibilidade da existência da multiplicidade; 3) como um processo, que está sendo contruído.

A partir destas discussões podemos concluir que os desafios da docência nos dias de hoje, se centralizam numa única discussão, como educar nos dias de hoje, apesar das “falhas” no processo de formação inicial que repercutem na formação continuada, considerando a nossa realidade pós-moderna de conflitos subjetivos e fragmentação da identidade, e como aplicar as novas tendências educacionais trazendo a discussão de temáticas que muitas vezes não estão incorporadas ao currículo e como transmitir isso aos jovens de maneira que nossos procedimentos, conteúdos e didáticas fluam tornando a educação prazerosa e conseqüente?.

Diante do exposto no texto e indagado no parágrafo anterior e visto no filme observamos que tudo parte de uma reflexão na metodologia, que primeiro passa pelo papel de ser reconhecer como professor, saber reconhecer as diferenças entre os grupos, e não homogeneizar todos e entender que a escola é um espaço plural, apesar das desigualdades e exclusões, mas é possível tornar a educação uma arte, transformar disciplinas prazerosas e com utilidade nas vidas cotidianas dos alunos, como a

professora Gruwell fez ao usar o diário de Anne Frank e perceber que aquela realidade do livro, mesmo que do século passado estava sendo vivenciada por seus alunos, e que através de sua subjetividade ela se “despojou do seu lugar social”, e tornou-se um modelo de educadora. Apesar do descrédito do sistema e demais colegas professoras, então devemos nos espelhar num modelo de professor que saiba transmitir os conteúdos claramente, objetivamente e com coesão, porém não nos esqueçamos que enquanto educadores da área de História devemos construir o conhecimento com nossos alunos, formando nossas identidades sociais, assim estaremos de fato formando laços de solidariedade e aprendendo a lidar com as diferenças na busca de uma educação com propósito nestes tempos pós-modernos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ângela. **O Eu e o Outro Compartilhando diferenças, construindo identidades.** In: PADILHA ROBERTO, Paulo. **Formação inicial do programa continuada.** Ipojuca,2008.

CLARETO MARIA, Sônia; SÁ APARECIDA, Érica. **Formação de professores e construção de subjetividades: O espaço escolar e o tornar-se educador.** In: LOPES CURVELO R, Paulo e CALDERANO ASSUNÇÃO, Maria(orgs), Juiz de Fora, Edufjf, 2006.

KORNIS, Almeida, Mônica. **Cinema, televisão e história.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Ed.2008.

SOUZA ANDRADE GUSTAVO, Marcelo. **Educar para a tolerância e o respeito a diferença: uma reflexão a partir da proposta Escola Plural.** In: CANDAU MARIA, Vera(org). **Sociedade Educação e culturas(s).**Petropolis: Vozes,2002.